



Universidade  
Estadual da  
Paraíba

**CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LUCINEIDE DE FIGUEIREDO FIRMINO**

**EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA E.E.E.F.M**  
**AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS – ALAGOINHA/PB**

**Guarabira/PB**

**2016**

**LUCINEIDE DE FIGUEIREDO FIRMINO**

**EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA E.E.E.F.M  
AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS – ALAGOINHA/PB**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Centro de Humanidades Osmar de Aquino, Campus III, Guarabira/PB, tendo em vista a linha de pesquisa: O ensino de Geografia na Escola (Fundamental e Médio). Em cumprimento aos requisitos básicos para a aquisição do grau do licenciado, sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Regina Celly Nogueira da Silva.

**Guarabira/PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F524e Firmino, Lucineide de Figueiredo  
Experiência vivenciada no estágio supervisionado na E.E.E.F.  
M Agenor Clemente dos Santos [manuscrito] / Lucineide de  
Figueiredo Firmino. - 2016.  
34 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Regina Celly Nogueira da Silva, Departamento  
de Geografia"

1. Estágio Supervisionado. 2. Formação Docente. 3. Livro  
Didático I. Título.

21. ed. CDD 910

LUCINEIDE DE FIGUEIREDO FIRMNO

**EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA E.E.E.F.M  
AGENOR CLEMENTE DOS SANTOS- ALAGOINHA/PB**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

*Regina Celly N. da Silva*

---

Profª. Drª. Regina Celly Nogueira da Silva / UEPB  
Mestrado e Doutorado na área de Geografia urbana / USP  
Professora do Departamento de Geografia/CH/UEPB  
(Orientadora)

*José Otávio da Silva*

---

Profª. Msª. José Otávio da Silva / UEPB  
Mestre em Educação / UFPB  
Professor do Departamento de Geografia/CH/UEPB  
(Examinador)

*Mônica de Fátima Guedes de Oliveira*

---

Profª. Msª. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira  
Mestre em Educação / UFPB  
Professora do Departamento de Educação/ CH/UEPB  
(Examinadora)

Artigo aprovado em: 20/10/2016

Guarabira/PB

2016

[...] “educar para a liberdade não é apenas educar os outros, mais também a si mesmo, de forma permanente, aprendendo ao mesmo tempo que se ensina.”

José William Vesentini

Dedico este trabalho a Deus, em primeiro lugar, por iluminar meus passos para que eu chegasse até aqui, e aos meus pais **Luiz Abdias** e **Maria do Socorro**, que em todos os momentos me deram todo apoio e incentivo para vencer as dificuldades encontradas durante o curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me abençoado a cada dia, me dando auxílio nas horas em que mais necessitei de ajuda, muita força, coragem e determinação para que eu não desistisse em meio aos obstáculos encontrados no caminho, e fosse possível tornar meu sonho realidade.

Agradeço, em especial, aos meus pais **Luiz Abdias** e **Maria do Socorro** que estiveram ao meu lado me incentivando a todo o momento, não medindo esforços para que eu concluísse o curso, ajudando no que fosse preciso. Aos meus irmãos: Luciana, Lucilene, Luciano, Lidiane, Reginaldo e Linaldo que dentro da possibilidade de cada um me ajudaram e acreditaram na minha capacidade de chegar até aqui.

Quero agradecer, de forma especial, a minha irmã **Lucilene** pelo companheirismo, pelas palavras de carinho e encorajamento, por querer direcionar-me sempre para um bom caminho.

A todos os professores da UEPB que, de certa forma, participaram dessa caminhada, transmitindo os seus conhecimentos, e em especial a minha orientadora **Regina Celly Nogueira da Silva** pelas suas correções e incentivo.

Aos colegas da turma 2012.2 pelos momentos que passamos juntos, pois levarei comigo cada lembrança desses quatro anos de curso, cada aula de campo, que era um dos momentos de maior aprendizado e convívio direto com todos, foram anos memoráveis.

Enfim, um muito obrigado a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente por essa realização alcançada em minha vida.

## **043 – GEOGRAFIA**

FIRMINO, Lucineide de Figueiredo. Experiência vivenciada no estágio supervisionado na E.E.E.F.M Agenor Clemente dos Santos – Alagoinha/PB. (TCC orientado pela profª Dr. Regina Celly Nogueira da Silva), Universidade Estadual da Paraíba, 2016, 34p.

**EXAMINADORES:** José Otávio da Silva  
Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

### **RESUMO**

O estágio supervisionado é uma ferramenta importante para o professor, visto que nos permite uma relação direta com a prática. O presente artigo fala sobre a experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Agenor Clemente dos Santos no período de 2015 a 2016. O artigo tem como objetivo enfatizar o cotidiano escolar e as experiências que este traz consigo, assim como as relações desenvolvidas em sala de aula, os conteúdos e metodologias aplicadas, além de destacar a importância do estágio supervisionado para a formação docente. Outro ponto a ser abordado é a questão do livro didático por ainda ser um dos métodos mais utilizados em sala de aula. A presente pesquisa encontra-se pautada em levantamentos bibliográficos, onde foram utilizados vários autores tais como: Azanha, (2006), Castrogiovanni, (2007), Libâneo (1994) Pimenta (1999) Leite (2008), entre outros. Portanto, enfatizamos a importância desta experiência vivenciada, no que se refere à formação dos futuros professores, pois nele podemos chegar o mais próximo possível do contexto que vamos nos inserir futuramente no âmbito escolar, e a partir daí poder socializar reflexões e questionamentos para a melhoria da prática de ensino, como também aplicar novos métodos de acordo com a necessidade de seus alunos e os recursos existentes na escola.

**Palavras-Chave:** Estágio supervisionado, formação docente, livro didático.

## **ABSTRACT**

The supervised internship is an important tool for the teacher in formation, as it allows a direct relationship with the teaching practice. This present article talk about a lived experience at the State School of Basic and Secondary Education (EEEFM) Agenor Clemente dos Santos in the 2015-2016 period. This articles aims to emphasize the everyday school life and acquired experiences, as well as the relationships developed in the classroom, the contents and methodologies applied, and also highlights the importance of supervised internship for teacher formation. Another point discussed is the textbook issue, since it is still one of the methods used in the classroom. This search is guided by literature surveys with multiple authors used: Azanha, (2006), Castrogiovanni, (2007), Libâneo (1994) Pepper (1999) Milk (2008), among others. Therefore, we emphasize the importance of the teaching experience to get as close as possible to the context that we will be inserted in the future, and from this experience be able to socialize reflections and questions to improve teaching practice, as well as apply new methods according to the needs of our students and the existing resources in school.

Keywords: Supervised Internship, Teacher Training, Textbook.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Frente da E.E.E.F.M. Agenor Clemente dos Santos, Alagoinha/PB.....	14
Figura 2: Biblioteca da escola.....	15
Figura 3: Sala de vídeo.....	15
Figura 4: Laboratório de ciências da escola.....	16

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	12
2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO .....	13
3 METODOLOGIA .....	16
4 REFERENCIAL TEÓRICO .....	17
4.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO ENQUANTO ELEMENTO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR INICIANTE .....	17
4.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DOCÊNCIA .....	20
4.3 ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE E SUAS SINGULARIDADES .....	22
4.3.1 Relato da observação das aulas .....	26
4.3.2 Relato da Regência .....	27
4.4 O LIVRO DIDÁTICO COMO RECURSO NO ENSINO DE GEOGRAFIA .....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	31
REFERÊNCIA .....	33

## 1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado é um dos componentes curriculares mais importantes dos cursos de licenciatura. Apesar de não receberem a atenção que merecem é a partir deste componente que os licenciando estabelecem os primeiros contatos com o universo escolar. É o momento também em que o aluno pode revelar sua criatividade, independência, aptidão, proporcionando-lhe oportunidade para entender o universo escolar e decidir a escolha da profissão para a qual vem se preparando durante a licenciatura.

Segundo Andrade (2005) é, portanto o estágio, uma importante parte integradora do currículo, a parte em que o licenciado vai assumir pela primeira vez a sua identidade profissional e sentir na pele o compromisso com o aluno, com sua família, com sua comunidade com a instituição escolar, que representa sua inclusão civilizatória, com a produção conjunta de significados em sala de aula, com a democracia, com o sentido de profissionalismo que implique competência- fazer bem o que lhe compete.

Assim, o Estágio Supervisionado pode ser considerado como elemento fundamental na vida do discente. Pode ser considerado o componente curricular que conduz futuro o profissional à descoberta de meios importantes para o preparo do trabalho a ser executado na escola. Além, disso, o Estágio Supervisionado é uma atividade temporária, um período de prática, exigido para o exercício de uma profissão e, no caso da licenciatura, para exercício do magistério.

Nesse sentido, o Estágio Supervisionado, pode ser considerado o momento de preparação do aluno, na qual é acompanhada e dirigida por um professor orientador, que através de um programa curricular pré-estabelecido busca avaliar o desenvolvimento, a aprendizagem e a experiência vivenciada pelo aluno durante a realização dessa atividade.

O estágio supervisionado é um momento importante na vida do acadêmico pois é através do contato em sala de aula que ele começa a ter experiência vivenciada juntos aos alunos onde muitos enfrentam como um desafio pois tem aquele receio de como se expressar perante a turma. Ficam com dúvidas do que os alunos irão dizer, tudo isso passa na cabeça de um estagiário. Partindo desse pressuposto o “Estágio” tem uma grande importância para o acadêmico e tem

grande relevância pois possibilita que ao educando aperfeiçoar seus conhecimentos e cada vez mais aprimorar a qualidade de ensino da escola em que ele está lecionando, levar para os alunos uma metodologia diferente, explorar os recursos didáticos que existe na escola, para que os alunos fiquem mais motivados e com isso eles adquiram conhecimentos necessários para se tornar cidadãos críticos.

Este artigo tem o objetivo de apresentar algumas experiências e reflexões referentes ao Estágio Supervisionado realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Agenor Clemente dos Santos. A mesma localiza-se na cidade de Alagoinha-PB, cidade que possui uma população estimada em 14.188 mil habitantes segundo (IBGE), possui uma área 96,980km<sup>2</sup>. O município dispõe de 12 escolas municipais, sendo uma estadual e duas particulares, mesmo assim podemos dizer que a educação no município ainda é muito incipiente.

## 2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Agenor Clemente dos Santos foi fundada em 19/11/1984, está localizada no conjunto Sebastião Valdo Pacífico na cidade de Alagoinha-PB e tem como diretor Luiz Antônio Moreira.

Segundo o diretor a escola é composta por 778 alunos, 64 funcionários, 30 professores, dentre eles, existem quatro professores de Geografia. A escola funciona nos três turnos, onde 290 alunos estão matriculados no ensino Fundamental e 448 estudam no Ensino Médio, sendo que a maior parte das aulas concentra-se no turno diurno. À noite funcionam apenas três turmas incluindo a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escola tem o apoio de programas que auxiliam na educação dos estudantes tais como: Mais Educação, Projovem Urbano. O Programa mais educação atende alunos de todas as séries. Eles ficam na escola após as aulas almoçam fazem oficinas, trabalham com a leitura para com poder melhorar o ensino e sua aprendizagem; O Projovem urbano atende alunos com idade entre 18 e 29 anos e eles têm apoio para realizar atividade extraclasse.

A escola objeto da presente pesquisa foi ampliada e reformada em 2012. Com isto, o estabelecimento de ensino ganhou novas salas de aula, onde os alunos podem utilizar o laboratório de ciências, de informática, tudo isso para que contribuísse para o processo de ensino da referida escola.



Atualmente a escola possui 12 salas de aula, 01 biblioteca, 01 sala de informática, 01 laboratório de ciências, 01 cantina, 01 auditório, 01 sala de vídeo, 01 sala de professores, 01 quadra poliesportiva.



Figura 2: Biblioteca da escola  
Arquivo: Lucineide de Figueiredo, junho, 2015

A biblioteca da escola é um dos locais de muita importância para os alunos, pois nela é que eles se aprofundam ainda mais na leitura e buscam fundamentos para uma melhor aprendizagem.



Figura 3: Sala de vídeo da escola  
Arquivo: Lucineide de Figueiredo, junho, 2015.



Figura 4: Laboratório de ciências da escola  
Arquivo: Lucineide de Figueiredo, junho, 2015

A sala de vídeo e o laboratório da escola são ambientes em que os professores tentam passar os conteúdos para os alunos sem se prender apenas a sala de aula em si.

### 3 METODOLOGIA

O presente artigo foi baseado com base em levantamentos bibliográficos, pesquisa de gabinete, artigos, revistas científicas e foram feitas observações em sala de aula na Escola Agenor Clemente dos Santos, localizada na cidade de Alagoinha-PB.

De acordo com Severino (2007), a observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa.

Segundo Severino (2007), a pesquisa qualitativa " é uma pesquisa positivista que se adequou perfeitamente a apreensão e ao manejo do mundo físico, tornando-se paradigmático para constituição das ciências, inclusive daquelas que pretendiam conhecer o mundo humano". A partir desta definição, foram feitas visitas ao campo de estudo para analisar a área da pesquisa.

A observação foi a principal fonte em que possibilitou presenciar in locu como os professores da referida escola estão utilizando os recursos didáticos e como é a metodologia apresentada em sala de aula.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 O ESTÁGIO SUPERVISIONADO ENQUANTO ELEMENTO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR INICIANTE

Alguns consideram o Estágio Supervisionado como um momento em que vai iniciar sua prática na sala de aula, sendo assim busca dar o melhor de si naquele momento. Mas, alguns autores na prática em docências afirmam que o estágio é apenas o início de um longo caminho a ser percorrido pelo aluno para que ele chegue a alcançar o objetivo desejado.

Essa etapa do estágio é caracterizada como uma experiência enriquecedora, pois é através do Estágio Supervisionado que o acadêmico adquire experiência profissional para exercer a futura profissão. Pimenta e Gonçalves (2004)

Consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará" [...] as autoras defendem "uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade (apud PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45)

Mas chegamos a nos perguntar que realidade é essa? Qual o sentido dessa realidade?. Os autores passam a analisar e questionar sobre as novas teorias em sala de aula, a dinâmica, o porquê dessas inovações, para o aluno de Geografia, o que ele mais espera de um futuro professor é que ele saiba distinguir o que a realidade nos passa.

Diante do que aprendemos em sala de aula o Estágio Supervisionado em Geografia é o momento da vivência do graduando em sala de aula, a hora dele colocar em prática o que foi aprendido, ajudando na formação do professor, o Estágio deve acompanhar essa nova dinâmica posta ao ensino de Geografia, por reformulação, adaptando-se as mudanças no processo de ensino aprendizagem. Segundo Castrogiovanni:

O desafio a que se propõem estes professores é pensar a sua própria prática e exercitar a sua função docente para além do compromisso funcional a que se habilitam com a titulação de licenciados em Geografia particularmente. E nos mostram que é possível fazer diferente da monotonia que se implantou nas escolas de um modo geral e da Geografia particularmente (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 8).

É nesta experiência vivida pelo aluno do ensino superior, que observa-se na sala de aula o ensino de Geografia atualmente, tendo o seu primeiro contato com os alunos, partindo da teoria construída no âmbito acadêmico juntamente com o professor da disciplina Estágio Supervisionado, Azanha (2006) Ressalta:

A prática de ensino foi compreendida sob a forma de estágio supervisionado e assim desenvolvida na grande maioria dos cursos de licenciatura, enquanto, em alguns outros, exigida como disciplina com vinculações variáveis com o estágio propriamente dito, (AZANHA, 2006, p.84).

Como já foi dito o estágio é de suma importância para a formação do profissional em ensino, é uma forma de ir treinando e aprimorando métodos e técnicas de ensino, construindo assim a sua identidade como professora.

A formação inicial dos futuros professores deve ser planejada de modo que os mesmos possam adquirir as competências necessárias ao bom desempenho profissional. Desta maneira, a mesma não deve consistir em um treinamento de técnicas e métodos, e sim, na ajuda aos futuros professores no seu desenvolvimento e autonomia profissional (DANIEL, 2009, p.77).

Segundo o autor supracitado, o estágio supervisionado é fundamental para a formação e o desenvolvimento do futuro docente, pois a partir da experiência vivida no âmbito escolar que ele poderá sentir o prazer de ensinar e ter um bom desempenho como docente.

(...) teoria e prática passam a ser consideradas como elementos indissociáveis da atividade docente, uma vez que, para se refletir sobre seu trabalho, sobre sua ação e sobre as condições sociais e históricas de sua prática, o professor precisa de referenciais teóricos que lhe possibilitem uma melhor compreensão e aperfeiçoamento de sua atividade educativa. (LEITE, 2008, p.10).

Nessa perspectiva, o intuito da teoria é que o futuro docente tenha tido em sua formação acadêmica um bom referencial teórico, enquanto que, a prática leva você a entender melhor a realidade vivida na sala de aula. Desta forma, teoria e prática

são complementares uma da outra, pois em uma você assimila o conhecimento e na outra você irá repassar aquilo que aprendeu.

No entanto, o grande problema do Estágio Supervisionado é a própria falta de condições da universidade em atender as demandas desse componente curricular. Na universidade o professor orientador muitas vezes não consegue acompanhar todos os seus alunos no Estágio Supervisionado. Poucos são os professores universitários que se envolvem com os reais problemas da escola pública, que participam do planejamento escolar, que dão consultorias nas escolas públicas.

Outro problema enfrentado na licenciatura é que os componentes curriculares da área pedagógica é pouco valorizada. Os discentes só passam a discutir aspectos do ensino, da escola, dos professores, da metade do curso para o final. Os professores das disciplinas do currículo do curso de licenciatura em Geografia não refletem sobre o ensino, sobre os conteúdos das suas disciplinas no livro didático, não discutem as metodologias desenvolvidas na escola básica. Grande parte dos professores são bacharéis em Geografia, pouco preocupados com o ensino dessa ciência na escola básica.

Assim, no âmbito da universidade, poucos foram os investimentos realizados para o desenvolvimento da discussão sobre o ensino na escola básica, como laboratório de material didático, desenvolvimento de grupos de pesquisas que discutam a escola e o ensino de Geografia. No âmbito da pesquisa a carência é ainda maior, poucas são as pesquisas de ponta na área do ensino.

Para que o professor se qualifique profissionalmente, sabemos que é necessária uma boa formação acadêmica, mas não esquecendo que o saber que cada um já traz consegue enriquece o seu modo de entender os saberes. PIMENTA (1999, p.20) caracterizando os saberes da experiência destaca:

[...] os saberes da experiência são também aqueles que os professores produzem no seu cotidiano docente, num processo permanente de reflexão sobre sua prática, mediatizada pela de outrem – seus colegas de trabalho, os textos produzidos por outros educadores. (PIMENTA, 1999, p. 20).

O professor está em constante ciclo de aprendizagem, pois não são apenas os alunos que aprendem diariamente com o professor, o docente também enriquece seus saberes devido ao convívio com os seus alunos, desta forma, é de fundamental importância que haja um planejamento na escola que comece desde os pais de

alunos, coordenação da escola, diretores, alunos, até os políticos que formulam as leis educacionais para que os problemas sejam amenizados e sendo assim construirmos um ensino de boa qualidade para todos.

Conforme o parecer CNE/CP 28/2001,

O estágio supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. É também um momento para se verificar e provar (em si e no outro) a realização das competências exigidas na prática profissional e exigíveis dos formandos, especialmente quanto a regência. Mas é também um momento para se acompanhar alguns aspectos da vida escolar que não acontecem de forma igualmente distribuída pelo semestre, concentrando-se mais em alguns aspectos que importa vivenciar. É o caso, por exemplo, da elaboração do projeto pedagógico, da matrícula, da organização das turmas e do tempo e espaço escolares (BRASIL, p.12).

O estágio pode proporcionar aos estagiários o conhecimento da prática pedagógica, pois a partir você passa a entender aquilo que os professores passam na sala de aula, e também descobrirem uma realidade escolar talvez desconhecida por muitos.

#### 4.2 ESTÁGIO SUPERVISIONADO E DOCÊNCIA

Partindo do pressuposto de que a docência é uma atividade de grande relevância social, sobretudo num país como o nosso, que é cheio de contradições econômicas e sociais. Só através da educação é possível enfrentar os desafios de um mundo cada dia mais competitivo, contraditório e complexo. Assim, nós futuros professores, temos um papel fundamental na formação dos jovens, na formação das futuras gerações.

O papel do professor é fazer com que os alunos compreendam os conteúdos em sala de aula, portanto, o educador não pode dar o conteúdo pronto para o aluno e sim fazer ele a pensar, analisar e mostrar os mecanismos que possam ser utilizados para elaboração de suas respostas. Kimura (2008), afirma que a referência é para a importância do educador que privilegie a formação do aluno, indo ao encontro de suas necessidades de ter um parceiro na busca do desenvolvimento da aprendizagem, a partir da situação em que esse aluno se encontra.

Sabe-se que a educação escolar abrange uma série de situações, estas que se iniciam desde a localização da escola, sua gestão, o compromisso dos professores, assim como, nossa capacidade de enfrentar os desafios que ocorrem em sala de aula. Nós também enfrentamos desafios quando estamos diante de um ambiente novo em que passa a conhecer a partir do momento que iniciamos o nosso “estágio”.

Além de aplicar os conhecimentos teóricos obtidos durante o curso o Estágio Supervisionado é uma oportunidade para os discentes exercitarem os princípios da cidadania e de responsabilidade social. Nesse âmbito, as atividades desenvolvidas são bastante abrangentes o que propicia um desenvolvimento pleno das habilidades pessoais e comportamentais dos participantes.

Um componente do currículo que não se configura como disciplina, mas como uma atividade. Essa disciplina possibilita ao aluno uma experiência da atividade docente, mas não deve vir pronta e acabada, pois deve instigar o aluno estagiário a buscar novas maneiras de execução das tarefas de sua futura profissão. (GODOI, 2010, P. 30).

As discussões realizadas no Estágio Supervisionado busca preparar o aluno para enfrentar o universo da sala de aula, o saber-fazer da regência, saber estabelecer uma boa relação com os alunos, mas sobretudo as concepções teóricas metodológicas do que foi discutido com os professores na universidade, do que foi vivenciado durante a licenciatura, até como uma maneira de se identificar com a nova profissão.

A prática de ensino e o estágio supervisionado são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um cumprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social. Unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social. [...] são segmentos importantes na relação entre trabalho acadêmico e a aplicação de teorias, representando a articulação dos futuros professores como espaço de trabalho, a sala de aula e as relações a serem construídas. (SAIKI & GODOI, 2007, p. 26-27).

Desse modo, o objetivo do Estágio Supervisionado é proporcionar aos futuros acadêmicos situações em que possam colocar-se como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem escolar, entender a importância de buscar aprimoramento pessoal e profissional. Neste sentido, podemos dizer que os saberes responsáveis pela formação de um professor de Geografia, o seu saber fazer, em sua totalidade,

vão muito além daqueles adquiridos na academia, os componentes pedagógicos e as disciplina de conteúdo da Geografia, eles são mais amplos e complexos e se organizam a partir do sentido de ser e estar professor, assim como, o sentido de ser e estar na escola.

#### 4.3 O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE E SUAS SINGULARIDADES

Quando iniciamos nossa regência a primeira coisa que notamos foi o desinteresse dos alunos pelos assuntos da Geografia. Por mais que a professora da sala tentasse chamar a atenção dos alunos grande parte deles eram apáticos diante das explicações, explicações, resumos colocados no quadro. A professora muito irritada pedia silêncio e solicitava o tempo todo que os alunos prestassem atenção e se interessassem pelos conteúdos trabalhados em sala. Essa cena era corriqueira, pois muitos dos colegas de sala na universidade relatavam a situação das escolas públicas onde estagiavam e a realidade eram muito parecidas.

Em uma de nossas aulas resolvemos realizar um trabalho com os alunos. Pedimos que a turma fizesse um círculo e iniciamos uma discussão em sala. A primeira questão que colocamos para o grupo foi o que eles entendiam por Geografia. Abrimos o debate e todos tinham liberdade para falar, escrever, desenhar, ou seja, expressar o que pensavam de várias formas. Após essa ação questionamos o que achavam do ensino de Geografia na escola. A partir daí alguns alunos começaram a se pronunciar, devagarinho foram colocando as impressões que possuíam sobre o ensino de Geografia.

Alguns alunos consideravam a Geografia é uma disciplina chata, enfadonha, mas percebe-se que algumas temáticas chamavam atenção deles, a exemplo da questão ambiental, mas a grande maioria dos conteúdos não atraía a atenção dos alunos. Um dos alunos da 6<sup>o</sup> ano questionou a necessidade de entenderem o que significava o termo latifúndio. Consideravam os conteúdos de difícil apreensão para a idade escolar.

Muitos ainda acreditam que a Geografia é uma disciplina desinteressante e desinteressada, elemento de uma cultura que necessita da memória para reter nomes de rios, regiões, países, altitudes, etc. Nesta primeira década do século XXI, a Geografia, mais do que nunca, coloca seres humanos no centro das preocupações, por isso pode ser considerada também como

uma reflexão sobre a ação humana em todas as dimensões [...]. Na realidade, ela é um instrumento de poder para aqueles que detêm os seus conhecimentos (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 42).

Essa questão de que a Geografia é uma disciplina limitada à memorização de nome de rios, países, lugares é muito antiga, Há muito que a Geografia superou essa fase. Isso irá depender muito da postura do professor, da sua visão de Geografia, das suas opções teóricas metodológicas. Hoje ainda é difícil mudar a prática docente que ainda adota um ensino tradicional, onde o livro didático é o recurso mais importante.

A Geografia tradicional, por muitos alunos, utilizou a “memorização”, por isso quando falamos na inovação do ensino, com novos métodos de ensino, nos confrontamos com a realidade dos alunos que não estão acostumados com a inovação e muitas vezes acham até estranho a forma como o professor trabalha os conteúdos.

Muitas vezes o professor deseja fazer um trabalho diferenciado, utilizando imagens, documentários, desenhos, recortes de jornais, trabalhos de campo e, muitas vezes os alunos e pais questionam o tipo de ensino. Os pais cobram o uso do livro didático, mesmo que seus filhos tenham que apenas responder questionários. Ainda há certa dificuldade de se entender que a Geografia mudou seus métodos, suas propostas metodológicas e por isso, os professores enfrentam dificuldades para realizar inovações.

Para romper com a prática tradicional da sala de aula, não adianta apenas a vontade do professor. É preciso que haja concepções teóricas metodológicas capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade absoluta. É preciso trabalhar com a possibilidade de encontrar formas de compreender o mundo, produzindo um conhecimento que é legítimo (CALLAI, 2005, p. 231).

É na sala de aula que o professor, através de suas concepções teóricas e metodológicas, de educação e de Geografia, pode fazer a diferença, realizar mudanças na prática didática. Quando o professor se compromete com a sala de aula, busca a pesquisa, a inovação, novas metodologias. Assim, a clareza teórico-metodológica do professor é fundamental para que possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta (CALLAI, 2005).

Somente através de novas práticas pedagógicas é possível se promover um ensino de Geografia mais criativo. A interdisciplinaridade é fundamental para que o aluno entenda a complexidade do mundo em que vive. Envolver outras disciplinas é primordial para o enriquecimento das discussões em sala. Todavia, para isso o professor necessita trabalhar uma Geografia que leve em consideração o cotidiano do seu aluno, suas demandas, opiniões, visões de mundo.

O professor precisa superar a fragmentação da Geografia, buscar novas maneiras de expor o conteúdo e enriquecer a sua exposição. Assim, para que o aluno de fato se interesse pela Geografia é preciso torná-la uma ciência que explique o mundo e não uma disciplina enclausurada em si mesma, como ressalta Callai (2005). É preciso que os professores tragam para o interior da sala de aula a vida do aluno e o ajude a fazer a leitura do mundo em que vive:

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais, esse é o papel da Geografia na escola. Refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de Geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a Geografia como um componente curricular significativo. Presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de Geografia, de quais objetivos lhe cabem (CALLAI, 2005, p.228-229).

Segundo Lana Cavalcanti, em entrevista à Revista Nova Escola<sup>1</sup>, os vários modelos educacionais adotados nas nossas salas de aula já foram experimentados para tratar de questões geográficas na escola brasileira. Cavalcanti ressalta que, durante a década de 1970, predominava a tendência do ensino baseado no trinômio "natureza, homem e economia". Eram esses os conceitos trabalhados em sala de aula. No entanto, quando os conteúdos eram trabalhados em sala de aula, eram vistos de forma fragmentada, cada qual tendo uma lógica própria e isolada dos demais. Essa é, na realidade, uma herança do Positivismo na Geografia, corrente de pensamento que predominou por muitos anos na ciência geográfica. Podemos até dizer que ainda está presente, sobretudo na escola básica, através da prática pedagógica do professor. A autora ainda destaca que:

---

<sup>1</sup> <http://novaescola.org.br/formacao/lana-souza-cavalcanti-fala-ensino-Geografia-novas-abordagens-611976.shtml>

Depois, até os anos 1980, ocorreu o movimento de renovação no ensino da disciplina, que apontava para a ineficiência da metodologia adotada anteriormente. Surgiu, assim, uma Geografia crítica, acompanhando a evolução da ciência geográfica. Vivia-se a passagem da década de 1980 para a de 1990, um momento de abertura política e de especificação dos problemas sociais que o Brasil enfrentava. A disciplina assumiu a missão de denunciar contradições do modo de produção capitalista, tendo como proposta uma sociedade alternativa.<sup>2</sup>

Assim, segundo a autora supracitada, é preciso ter clareza de que a Geografia, enquanto ciência é uma e a Geografia enquanto conteúdo didático, ou seja, aquela ensinada na escola básica, sofre muitas diferenciações. Não que não se possam trabalhar os conteúdos que aprendemos na universidade, apenas é importante saber fazer essa transposição. Não é simplificando conteúdos, desprezando a cartografia, excluindo determinados temas, que o professor irá resolver os problemas do ensino na escola básica. Assim, para lecionar no ensino fundamental é necessário aplicar a Geografia levando em conta a sua história, estrutura e lógica própria, suas singularidades. Grande parte dos jovens professores não tem clareza dessa dimensão da Geografia escolar e se sentem atormentados em não conseguir trabalhar os conteúdos que estudaram na graduação. Cavalcanti reforça que:

O foco na escola deve estar nos mesmos conteúdos aprendidos na graduação. Mas eles devem ser estruturados de outra maneira para ser apresentados às crianças. Preocupa ver que isso nem sempre é discutido na universidade. Resultado: quando chegam à sala de aula, os recém-graduados abandonam os conteúdos que aprenderam e se rendem a uma estrutura engessada. É preciso que eles alimentem a disciplina com novas reflexões e abordagens. Isso evita a deterioração da Geografia acadêmica, pois quem torna a disciplina viva é o educador. <http://novaescola.org.br/formacao/lana-souza-cavalcanti-fala-ensino-Geografia-novas-abordagens-611976.shtml>

O professor deve estimular o aluno a ir em busca do conhecimento, ser atualizado, pesquisar e trazer novidades para serem discutidas em sala de aula. Todavia, para manter o aluno interessando na aula é preciso ter feito um bom planejamento, não ficar só com o livro didático mandando os alunos realizarem leituras e resumos, questionários básicos etc. Hoje os próprios livros didáticos

---

<sup>2</sup> <http://novaescola.org.br/formacao/lana-souza-cavalcanti-fala-ensino-Geografia-novas-abordagens-611976.shtml>

trazem um conjunto de atividades que podem ajudar o professor a realizar aulas mais dialogadas com os alunos.

Outro elemento fundamental é o planejamento de ensino. Essa é uma prática fundamental para uma boa prática docente. O planejamento ajuda o professor a organizar seu conteúdo, buscar novas metodologias, pensar a melhor maneira de iniciar uma aula, dinamizar suas atividades, organizar a sala de aula, conhecer melhor seus alunos, O planejamento ajuda o professor a deixar suas aulas mais criativas, flexíveis, levar em consideração o que pensam seus alunos. O professor precisa entender o que significa realmente o que é o planejamento de ensino.

Evidente que muitos professores estão desmotivados, às vezes, por não ter apoio da escola, da gestão, dos próprios colegas, os salários dos professores ainda são muito baixos em muitos municípios e estados, isso desmotiva ações inovadoras no âmbito escolar. A desvalorização dos nossos professores ao longo da história do nosso país foi longa, vem desde a ditadura militar, podemos dizer que nós ainda estamos nos restabelecendo desse processo. Não podemos desvincular essa história da própria história da ciência geográfica.

Durante as observações ocorridas na disciplina de Estágio Supervisionado, o que foi observado durante as aulas da professora, é que ela ainda se prende basicamente apenas ao livro didático, ou seja, utiliza o método tradicional, não procura trazer algo diferente do livro, muito pouco se utiliza de *datashow*, *slides* e outros recursos atuais. Nota-se que a escola oferece sim recursos para uma aula diferente, mais as aulas do 6º Ano são consideradas enfadonhas pelos alunos, devido à monotonia das aulas.

#### 4.3.1 Relato da observação das aulas

No dia 14/05/2015, apresentei-me como estagiária do curso de Geografia, onde fui bem recebida pelo diretor da escola Luiz Antônio Moreira, e pela professora, a turma do 6º ano no turno da Manhã também me recebeu muito bem.

No dia 21/05/2015 retornei à escola, de início apenas para observação das aulas, na turma do 6º ano Manhã. A turma tem 40 alunos matriculados, mas

somente 25 frequentam diariamente as aulas. O assunto apresentado nesse dia foi **planeta Terra**, onde a professora fez uma boa explanação mostrando para os alunos como é a superfície terrestre, as zonas térmicas e os movimentos da terra. Os alunos participaram da aula e demonstraram interesse pelo assunto. Após a explicação a professora fez uma atividade para os alunos fixarem a matéria.

No dia 22/05/2015 regressei à escola para fazer mais uma observação. Neste dia a professora estava abordando o seguinte conteúdo: **A origem da terra**. A docente continuou mostrando para os alunos a importância do surgimento da terra e explicou sobre as camadas da terra. Neste dia os alunos fizeram algumas perguntas e demonstraram bastante interesse pelo assunto.

#### 4.3.2 Relato da regência

A regência aconteceu no dia 29/05/2015 e o assunto ministrado foi **Os continentes**. Optei em fazer um relato das principais características dos continentes, explicando para eles a importância de cada um para os países. Mostrei para os alunos que o planeta Terra está dividido em seis continentes, que são eles: A América, Ásia, África, Antártida, Europa e Oceania. Essa divisão criada pelos seres humanos considera critérios históricos, culturais, econômicos e políticos. Logo após foi aplicada uma atividade referente ao assunto abordado. Em seguida, foi organizada uma dinâmica com a utilização de balões com perguntas referentes ao tema, fazendo com que os alunos saíssem um pouco da monotonia de exercícios apenas para responder no caderno e pudessem ver que a aprendizagem pode se aperfeiçoar de diferentes maneiras.

No dia 05/06/2015 ocorreu a última regência, com o assunto **A água nos continentes**. Sugerimos que os alunos abrissem o livro nas páginas referentes ao tema em discussão. A aula ocorreu com exibição de slides e imagens para facilitar o entendimento sobre a distribuição de água doce e potável no mundo, fazendo uma relação com o município, como também entender como ocorre o processo do ciclo hidrológico. Após a explanação do conteúdo os alunos foram liberados para levantar

dúvidas sobre o tema. Ao final da aula foi aplicado um exercício para se inteirar do grau de entendimento dos alunos.

#### 4.4 O LIVRO DIDÁTICO COMO RECURSO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Durante a experiência do estágio supervisionado pode-se observar bastante a utilização do livro didático pelo os professores de geografia da escola, pois eles se apegavam basicamente nos capítulos que o livro didático trazia, muitas vezes assuntos bem resumidos, e que para um melhor entendimento do aluno o discente deveria procurar informações contidas em outros lugares, até mesmo como uma maneira de mostrar o que outros autores relatam sobre o tema abordado.

Normalmente, quando iniciamos nossa prática didática, uma das primeiras ações é pedir para nossos alunos abrirem o livro didático. Consideramos, inclusive, importante que o aluno conheça o livro, seu autor, sua importância, entender que o livro é um recurso importante, mas esse recurso didático não define tudo. Quase sempre no imaginário escolar, essa é, provavelmente, uma das frases mais associadas ao trabalho dos professores em sala de aula. Assistindo a um capítulo da telenovela vespertina da Rede Globo de Televisão (Malhação), durante um dia da semana, uma das primeiras ações do professor, ao entrar em sala de aula, foi pedir que os alunos para abrir o livro didático. Claro que isso é uma evidente caricatura:

Daí ser tão corriqueiros em novelas, seriados de tevê e até no faz de conta infantil -, ela dá a medida da importância atribuída a esse material na atuação em aula. É compreensível, portanto, que muitos educadores tenham estabelecido uma relação de amor e ódio com os livros didáticos. Para alguns, eles são o apoio fundamental que economiza tempo de planejamento e organiza a rotina em sala. Na visão de outros, eles são amarras a comprometer a autonomia do magistério<sup>3</sup>.

O livro didático tem sido o material mais frequente no cotidiano escolar do aluno. O livro é usado de diferentes maneiras: como fonte de informação, como sequência de conteúdo, até mesmo como currículo e, muitas vezes, como sequência didática. O livro deve ser fonte atualizada de informações, conter textos de boa

---

<sup>3</sup> <http://novaescola.org.br/formacao/livro-didatico-como-usa-lo-equilibrio-aula-planejamento-884842.shtml>

qualidade, propor atividades interessantes e que permitam o conhecimento geográfico estudado se o ajustar o conhecimento do aluno.

O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está a seu serviço, a serviço de seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante. Ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele assim como em textos alternativos, (em slides ou filmes, em obras paradidáticas etc.) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo (VESENTINI, 2002, p.. 167).

Nesse sentido, o livro didático é o principal material de sala de aula, mas oferece um contexto fragmentado e, muitas vezes, superficial, no qual o professor pode e deve atribuir novas estratégias de trabalho, fazendo com que o aluno trabalhe mais o seu lado crítico e desperte suas próprias opiniões, através de metodologias novas e não adotar o livro como o único material.

Vale lembrar ao professor o seu papel de mediador entre os alunos e as fontes de informações utilizadas no processo de aprendizagem. Em uma sala de aula pode ocorrer de os alunos não compreenderem ou não conhecerem o significado de um assunto, de um texto, ou do vocabulário específico de Geografia que está no livro. Cabe ao professor, como mediador do livro, ajudá-los a resolver dúvidas, orientar procedimentos de busca sobre novas informações, comparar ideias a respeito do tema, debater entre os colegas.

Antonio Carlos Castrogiovanni afirma que é possível mudar a maneira de ensinar nos dias atuais. Mudar essa realidade requer modificações drásticas em toda a estrutura escolar, partindo também do professor sair do padrão estipulado nos livros didáticos que, muitas vezes, apresentam realidades diferenciadas de onde os alunos vivem, procurando trazer determinado conteúdo para a realidade dos alunos dia a dia fazendo uma relação com a sua vivência.

Para que esta mudança ocorra os professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de “fazer sociedade com cidadania”. A escola deve provocar o educando a conhecer e conquistar o seu lugar no mundo em uma terra de justiça social, parece ser simples, mas não é, no mínimo desafiador, como toda prática pedagógica (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 44).

Vale salientar que, atualmente, a qualidade do livro didático melhorou muito. Diversos são os autores que se preocupam com as questões pertinentes ao ensino. Evidente que essa ainda é uma questão polêmica. Fala-se na indústria do livro didático, fato financiado inclusive pelo governo federal. As críticas recaem sobre a produção dos livros e sua avaliação. Grande parte dos produtores são os professores das grandes instituições de ensino superior, enquanto os professores da educação básica pouco têm participado desse processo. Algumas publicações incluem professores das escolas municipais e estaduais, fato de extrema importância, porque são esses profissionais que estão na sala de aula. Um elemento importante é que:

[...] como em boa parte das polêmicas, aqui também os extremos não ajudam. Primeiro, por uma constatação concreta: livros didáticos estão por toda a parte. Hoje, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) faz com que 82% dos alunos da Educação Básica recebam gratuitamente obras escolhidas pelo corpo docente das próprias instituições em que estudam. Em segundo lugar, porque o material passa por uma avaliação pedagógica. Todos os livros disponíveis para distribuição são aprovados por uma comissão técnica da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (MEC). Os que não passam no crivo - por ser excessivamente ideológicos, por exemplo - nem chegam às escolas. <http://novaescola.org.br/formacao/livro-didatico-como-usa-lo-equilibrio-aula-planejamento-884842.shtml>

Vale ressaltar ainda que é impossível não reconhecer a importância do livro didático para nossas escolas tão carentes de material de didático e professores sobrecarregados. Assim, diante desse ponto de vista, vale a pergunta: como usar o livro didático com equilíbrio? Assim, a indagação transfere às mãos do professor a decisão sobre o aproveitamento do recurso.

Na metáfora do livro como guia, significa dizer que ele pode assumir diferentes formas: um guia, que pode ajudar a pensar e refletir sobre sua prática docente, que indica o norte ao viajante, porque o professor é um artista, um viajante, um inventor permanente, mas deixa por sua conta a trajetória e o destino; um mapa em papel, no qual se vê a autopista sugerida, mas também atalhos e estradinhas vicinais que se pode tomar ou um GPS, que seleciona a rota por você e ordena, detalhadamente, o caminho até o destino. Assim, o uso desse recurso deve ser utilizado com uma visão crítica, com cuidado e análise responsável.

O livro didático é uma das ferramentas importante para o processo de ensino aprendizagem pois é um instrumento acessível ao aluno, no ensino de geografia ao trabalhar com o livro didático o professor traçar caminhos que leve a leitura do espaço geográfico, através dos conteúdos e as imagens do livro com as diferentes linguagens disponíveis e com o cotidiano de seus alunos que permitam reflexão geográfica. A relatividade do conhecimento precisa estar presente na análise de qualquer produção didática, a fim de que se trabalhe com o aluno o dinamismo na construção do saber (PONTUSCHA, PANGANELLI, 2009).

Segundo a autora supracitada, o livro didático e o professor estão intimamente ligados, porém, o mais importante é o professor saber utilizar esse recurso com bom senso, critica permanente, aproveitando o que o livro pode ter de melhor e descartar aquilo que não contribui para seus alunos. Uma coisa é certa: um professor bem preparado, teórica e metodologicamente, saberá como utilizar esse recurso em seu benefício.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio supervisionado para nós, futuros profissionais da Geografia, significou bastante, por ser um aprendizado gratificante para a conduta docente, enquanto acadêmicos, permitindo vivenciar o dia a dia na sala de aula e contribuir para o aprendizado dos alunos, de acordo com a nossa formação.

O que podemos perceber de negativo em relação ao ensino da escola é que, apesar da escola possuir recursos para aulas diferentes, mais atrativas sem sair dos assuntos, despertando mais interesse dos alunos pela disciplina, percebe-se que os professores não se preocupam em inovar seu método de ensino. Infelizmente alguns docentes ainda estão presos ao método tradicional, ou seja, ao livro didático e ao quadro, por isso os alunos acham a disciplina enfadonha.

Nessa perspectiva, entendemos que a escola precisaria sim melhorar, no aspecto de que todo o corpo docente da escola se juntasse e procurasse ver como estão sendo ministradas essas aulas, e como seria fundamental que fizesse projetos para uma melhor ampliação desses conteúdos, tirando os alunos da sala de aula, como por exemplo, fazer sempre uma aula de campo, incentivar os alunos em

realizar pesquisas, gincanas, tentar perceber nessas atividades extraclasse o talento dos alunos para tal coisa.

Assim, pode-se concluir que a experiência do estágio supervisionado proporciona uma excelente formação e posterior transformação dos acadêmicos em futuros professores, que serão condutores e promotores do conhecimento dos alunos no ensino de Geografia, tornando-se a possibilidade de formar cidadãos mais críticos e posicionados para a realidade do mundo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Arnon Mascarenhas de Andrade. **O estágio Supervisionado e a Práxis Docente**. In: SILVA, Maria Lucia Santos Ferreira da (org.). Estágio curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua prática. Natal: EdUFRN, 2005. Disponível em: [www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf](http://www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf); acesso em: 12 Outubro 2016.
- AZANHA, José Mário Pires. **A formação do professor e outros escritos**. São Paulo: Editora: Senac. Ano: 2006.
- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**/org. Antonio Carlos Castrogiovanni. Porto Alegre: editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos brasileiros 2003.
- CALLAI, Helena Cpetti. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005 227. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Et al. **Ensino de Geografia: Caminhos e encantos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- DANIEL, L. A. **O professor regente, o professor orientador e os estágios supervisionados na formação inicial de futuros professores de letras**. Dissertação - UNIMEP. Piracicaba, São Paulo, 2009.
- GODOI, Francisco Bueno de. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. In: PASSINI, Elza Yasuko: PASSINI, Romão; Malysz, Sandra T. (org). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. \_2 edição – São Paulo: Contexto, 2010.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e respostas**. São Paulo: Contexto, 2008, P.217.
- LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **A construção dos saberes docentes nas atividades de estágio nos cursos de licenciatura**. ENDIPE: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. PUC, RS, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**. São Paulo. Editora Cortez, 1994.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999.
- PONTUSCHKA, NídiaNacib. **Para ensinar e aprender Geografia/ Nídia Nacib Pontuschka, Tomokoly da Paganelli, Núria Hanglei Cacete**. – 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2009. 383p.

SAIKI, Kim & GODOI, Francisco Bueno de. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. In: PASSINI, Elza Yasuko et all (org). **Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- **Metodologia do Trabalho científico**. 23 ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

VESENTINI, José William (org). **Geografia e ensino: Textos críticos**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. 287p.

[www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=](http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=)Acesso:em 20/06/2015.

<http://novaescola.org.br/formacao/livro-didatico-como-usa-lo-equilibrio-aula-planejamento-884842.shtml>. Acesso: 21/08/2016

<http://novaescola.org.br/formacao/livro-didatico-como-usa-lo-equilibrio-aula-planejamento-884842.shtml>. Acesso: 21/08/2016